

O COOPERATIVISMO RECONHECIDO

*** Roberto Rodrigues**

A Organização das Nações Unidas decidiu designar 2012 como o Ano Internacional do Cooperativismo. Trata-se de uma extraordinária conquista deste grande movimento mundial comprometido com o harmonioso desenvolvimento socioeconômico dos povos. Presente em quase todos os países, o cooperativismo é a doutrina que visa corrigir o social através do econômico. Quase 1 bilhão de pessoas no mundo todo são filiadas a algum tipo de cooperativa. Se imaginarmos que cada um destes cooperados tem 3 dependentes, o número de cooperativistas alcança mais da metade da população do planeta. É de longe a mais importante doutrina socioeconômica vigente.

O cooperativismo enquanto doutrina é conhecido há séculos, e foi estudado com muito vigor nos séculos XVIII e XIX. Mas as cooperativas, instrumentos da doutrina, só passaram a ter protagonismo após a Revolução Industrial experimentada pela Europa em meados do século XIX. É que a Revolução Industrial produziu duas ondas negativas nos países europeus: uma de exclusão social e outra de concentração da riqueza, dois fenômenos que não são amigáveis para a democracia. Os excluídos se uniram e se organizaram em cooperativas, e o movimento, como um rastilho de pólvora, se esparramou pelo mundo todo nas mais diversas modalidades de atividades econômicas, sociais e culturais.

Ora, as cooperativas, unindo os excluídos e viabilizando sua sobrevivência e progresso material, se constituíram em empreendimentos mitigadores da concentração da riqueza e, desta forma, assumiram papel de defesa da democracia.

Este fenômeno ficou conhecido por quase 150 anos como a “terceira via” para o desenvolvimento, entre o capitalismo e o socialismo, e floresceu de maneira espetacular. Seus valores e princípios foram consagrados com a criação da Aliança Cooperativa Internacional e o movimento avançou muito, até a queda do Muro de Berlim. Houve então um período de curta perplexidade, e o cooperativismo ficou sem saber o que era e a que vinha: como ser terceira via se a primeira e a segunda haviam se desbotado? O socialismo sofreu um forte revés e o capitalismo evoluiu para o liberalismo.

Mas a globalização da economia e o vendaval liberalizante que varreu o mundo produziram um recrudescimento nos dois itens da gênese das cooperativas: nunca como então houve tanta concentração da riqueza e tamanha exclusão social. E de repente as cooperativas, meio perdidas nos escombros do Muro, foram convocadas de novo para resgatar a democracia, e

países do mundo inteiro montaram instrumentos jurídicos que promovessem o movimento, em especial, embora paradoxalmente, os países desenvolvidos.

O resultado foi impressionante e agora mesmo, em meio a mais uma crise financeira, o cooperativismo dá provas de uma vitalidade notável: os bancos cooperativos e as cooperativas de crédito resistem muito mais à crise – como já o fizeram no passado – que os bancos comerciais, porque seus donos são também investidores e usuários, são os cooperados, sempre mais conservadores.

O que a ONU está fazendo em 2012 é reconhecer a importância deste movimento para a defesa da democracia, papel preponderante das Nações Unidas. A ACI, órgão máximo do cooperativismo mundial, e organismo consultivo da ONU é sua parceira nesta missão gloriosa.

Está na hora do Cooperativismo receber também o Prêmio Nobel da Paz. Afinal, seu trabalho em prol da distribuição das riquezas, da defesa do meio ambiente, do pleno emprego, da justiça social, tudo baseado na solidariedade e ajuda mútua, é, sem dúvida, um motor da paz.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**